Rui Boaventura
Ibn Maruán, n.º 9/10, 1999-2000, 303-310

A Proveniência Geológica das Antas de Rabuje (Monforte, Alentejo)

O presente estudo segue os objectivos expressados no âmbito do projecto COMONPH (Lopes; Boaventura, 1997), através do qual se tem vindo a proceder na região de Monforte, com o apoio da Autarquia, à investigação das comunidades pré-históricas dos 4.º - 3.º milénios, associadas ao fenómeno megalítico funerário.

A proveniência geológica dos monólitos utilizados na construção de monumentos megalíticos, normalmente antas, não tem sido uma prioridade entre os investigadores desta temática. Em estudos recentes sobre antas (por ex: Oliveira, 1997: 209-210) aponta-se uma caracterização resumida das rochas, tipo "esteios de granito e/ou xisto", salientando-se a sua peculiaridade consoante o estrato geológico seja idêntico ou não aos respectivos blocos pétreos constituintes. Por outro lado, quando o tipo de matéria-prima parece coincidir com o substrato rochoso, assume-se empiricamente a sua proveniência local. Ora, na investigação desenvolvida em Vale de Rodrigo (Évora) detectou-se que alguns esteios de granito das antas 1-4 apresentavam ligeiras diferenças, verificando-se que eram provenientes das imediações e outros vieram de alguns quilómetros de distância (Dehn; Kalb; Vortisch, 1991; Kalb, 1996; Kalb; Höck, 1995a; Kalb; Höck, 1995b; Kalb; Höck, 1996).

Sob orientação do geólogo Jelle de Boer, da Universidade de Wesleyan (Connecticut, EUA), a geóloga Brynn Bemis procedeu à caracterização petrográfica dos monólitos de 5 monumentos megalíticos da Rabuje (Monforte) (fig. 1-2). Porque se pretendia ainda uma caracterização mais fiável, recolheram-se amostras de alguns esteios das antas, assim como de afloramentos das áreas em redor, que seriam posteriormente sujeitas a análise geoquímica na referida Universidade.

A caracterização mineralógica da rocha utilizada na cobertura de Rabuje 1 mostrava-se distinta dos restantes esteios graníticos, pelo que recorremos ao conhecimento dos trabalhadores de pedreiras da área. Estes identificaram de imediato a rocha, apontando-a para alguns quilómetros a Sudeste. Consultando a carta geológica, existia de facto uma mancha geológica diferente, que apresentava as

características buscadas (o ponto mais próximo em linha recta denomina-se Pedras do Medo), de onde recolhemos uma amostra. Entretanto, procurámos verificar se no espaço entre a anta e as Pedras do Medo surgia, nos afloramentos visíveis, algum granito semelhante, mas tal não aconteceu.

Para extrair as amostras, utilizámos o martelo de geólogo e/ou o escopro, adoptando o seguinte código de inventário: Rabuje 1 + n.º esteio = R1-1.

Uma primeira caracterização dos blocos utilizados nas construções das antas indica uma origem local, de rochas disponíveis nas imediações (entre centenas de metros a 1 km) (fig. 8). As matérias-primas resumem-se ao granito alcalino não porfiróide biotítico, designado granito rosa, e ao xisto metamórfico, designado xisto biotítico. Não obstante, a laje de cobertura de R1, de granito alcalino porfiróide biotítico, designado granito branco, deverá ter sido trazida de cerca de 8 km de distância. Assim, as 5 antas apresentam as seguintes descrições (fig. 3-7 e 8 para a legenda das cores utilizadas):

R1: esteios de granito rosa, à excepção da tampa da câmara (granito branco) e do prolongamento do corredor (xisto biotítico).

R2: esteios de granito rosa, inclusive a tampa. Um possível esteio da câmara e provável prolongamento do corredor de xisto biotítico.

R3: esteio de cabeceira de granito rosa, sendo os restantes de xisto biotítico.

R4: 4 esteios da câmara de granito rosa, sendo a cabeceira e os restantes de xisto biotítico.

R5: todos os esteios são de xisto biotítico.

Os resultados das análises geoquímicas de elementos predominantes e minoritários realizados por Brynn Bemis, sob orientação de Jelle de Boer, limitados a 10 amostras representativas das 5 antas e dos eventuais locais de proveniência, confirmaram as leituras de campo efectuadas. Aliás, este tipo de análise revelou-se tão precisa que dentro do granito rosa se verificaram ligeiras diferenças, permitindo verificar que R2-6 e os afloramentos #13 e #14 apresentavam uma proximidade geológica, ausente dos esteios de granito rosa de R1-4 e R1-8, de que não foi possível identificar um afloramento próximo geologicamente – com certeza, com o grau de precisão destas análises seria possível discernir com maior exactidão de que afloramentos os esteios vieram. O geólogo-arqueólogo, Fernando Real, ampliou ainda mais as potencialidades destas análises, salientando a sua importância no âmbito da preservação destes monumentos: por exemplo, a maior sensibilidade aos processos de erosão da tampa R1-12, de granito branco, devido às suas características químicas, ricas em cálcio.

As antas sujeitas a este estudo apresentam arquitecturas distintas (fig. 3-7). R1 e R2 apresentam grandes dimensões (sobretudo R1) com câmara poligonal e corredor, com esteios de granito, parecendo ter sido acrescentadas posteriormente por pequenos esteios de xisto (átrios?). No entanto, R2 poderá apresentar um esteio da câmara em xisto. R3 é um pequeno monumento com câmara e corredor e R4 uma câmara com

corredor indiferenciado. Os monumentos R3 e R4 apresentam uma solução geológica mista: R3 – um esteio de granito na área da cabeceira, sendo as restantes de xisto; R4 – apresenta 3 (talvez 4) esteios de granito na área da câmara indiferenciada, sendo o esteio de cabeceira e os restantes de xisto. Por fim, R5 apresenta uma câmara com um provável átrio, constituída somente por esteios de xisto.

As ilações a retirar deste conjunto estão ainda longe de ser conclusivas, pois estes monumentos nunca foram escavados cientificamente – de acordo com os Leisner (1959), Rabuje 1 terá sofrido uma escavação de Wittnich Carrisso e António Sardinha, o que terá acontecido durante a sua juventude de estudantes de Coimbra (1.ª década do séc. XX), encontrando-se os materiais no Museu da Figueira da Foz. Assim, um faseamento crono-espacial mais fidedigno só depois de escavações que recuperem a informação necessária para tal. Contudo, seguindo uma perspectiva evolucionista clássica, acreditando que as grandes antas de granito são de momento mais antigo, revelando-se os monumentos de xisto os mais recentes, poderíamos estar perante uma necrópole que evoluiu ao longo do fenómeno megalítico funerário, o que não significa que os mais antigos não tivessem sido reformulados e re-usados.

Também a posição topográfica deste conjunto é curiosa, encontrando-se R1 no vale, R2 na meia encosta e os restantes três monumentos na linha de cumeada, ainda que na pendente virada a Sudeste. No entanto, todos se avistam entre si (abstraindo-nos do actual coberto vegetal de azinheiras com 3-4 m de altura). Além destes 5 monumentos, tivemos conhecimento de mais dois, de pequenas dimensões e em xisto (infelizmente pouco preservados), próximo de R1, mas também visíveis para os restantes sepulcros.

Outra questão é a situação deste grupo numa área de contacto de três áreas geológicas – de granito rosa, de xisto biotítico e de ortognaisse biotítico. As matérias-primas utilizadas são, como já notei, apenas dos dois primeiros tipos. A utilização do granito rosa dever-se-á à abundância de afloramentos na área, apresentando as diaclases horizontais e verticais, o que permitia com facilidade a extracção dos monólitos necessários. Situação semelhante ocorre com os xistos metamórficos, que se dispõem em afloramentos à superfície numa inclinação quase vertical, facilitando bastante a extracção de lajes. Não foram detectados ortognaisses entre os monólitos estudados, a que não será estranha a ausência de grandes afloramentos próximos deste substrato e apresentando condições ideais para a extracção das lajes necessárias. Resta, portanto, a questão da tampa de R1, com elevado grau de probabilidade, originária de cerca de 8 km de distância. A explicação para tal poderá residir na fractura dos afloramentos de granito rosa, que não permitiam a extracção de lajes com a dimensão suficiente para cobrir a câmara. Assim, porque algum afloramento deste granito branco apresentava o produto pretendido, a solução foi ir buscá-lo ali.

Philine Kalb (1996: 685) apontava uma explicação simbólica para a selecção das rochas utilizadas nas antas de Vale de Rodrigo. Contudo, no caso da Rabuje, tal não parece ocorrer. Julgo estarmos perante uma atitude pragmática, preferencial dos decisores de então. Considerando as limitações técnicas de extracção, pois estou convencido de que a presença de fractura natural era crucial para a retirada da pedra,

estes buscavam nas áreas em redor aquelas pedras que mais se ajustavam às suas necessidades. Caso a caso, cada anta recebeu os monólitos que os construtores quiseram ou puderam transportar. Também poderia aventar uma solução estética nas antas R3 e R4, dada a sua aparente regularidade, mas só um estudo mais aprofundado permitirá dizê-lo com maior segurança.

A cobertura da câmara de R1 (que pesa cerca de 25 toneladas) terá representado um tremendo esforço face à distância percorrida, mas mesmo os restantes monólitos de granito rosa (locais) terão ocupado durante muito tempo as forças do(s) grupo(s) implicado(s) na sua construção. As pequenas antas R3-5 parecem indicar um menor esforço aplicado na construção.

Com este tipo de estudo, outras ilações poderão ser extraídas, mas por ora pretendia dar a conhecer este trabalho e realçar a sua importância para o melhor conhecimento das comunidades dos IV-III Milénios.

Agradecimentos: O trabalho e posteriores conversas com Philine Kalb serviram de estímulo para a realização deste estudo, mas não teria sido possível sem o interesse de John Hale, que deu a conhecer a ideia a Jelle de Boer, permitindo a vinda de Brynn Bemis, que realizou as análises. Por fim, as dicas de Fernando Real revelaram-se bastante importantes.

BIBLIOGRAFIA

DEHN, Wolfgang; KALB, Philine; VORTISCH, Walter (1991) – *Geologisch-Petrographische Untersuchungen an Megalithgräbern Portugals*. Madrider Mitteilungen. 32, pp. 1-28.

KALB, Philine (1996) – "Megalith-Building, Stone Transport and Territorial Markers: Evidence from Vale de Rodrigo, Évora, South Portugal". *Antiquity*, 70 (269), pp. 683-685.

KALB, Philine; HOCK, Martin (1995a) – "Vale de Rodrigo: Projecto Interdisciplinar para a Investigação do Megalitismo numa Região do Sul de Portugal". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35 (2). Sep.

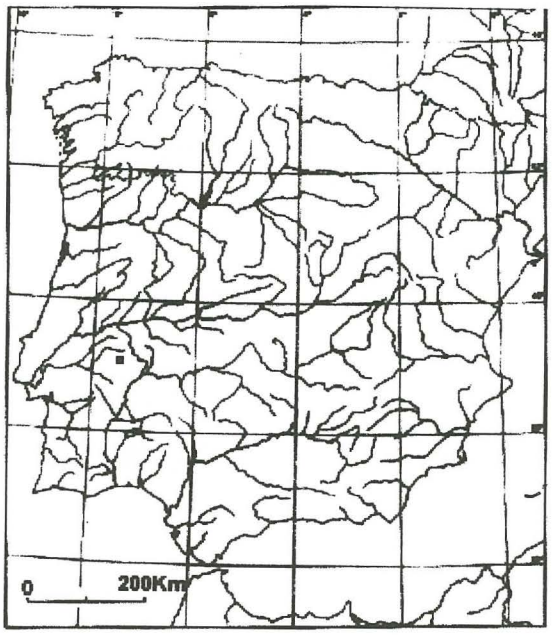
KALB, Philine; HÖCK, Martin (1995b) – "Vale de Rodrigo. Un Proyecto de Investigación Interdisciplinar Para el Estudio de Una Region Megalítica en el Sur de Portugal". *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*, pp. 153-156.

KALB, Philine; HÖCK, Martin (1996) – "Investigação Geológica na Zona Megalítica de Vale de Rodrigo, Évora". *In 3ª Reunião do Quaternário Ibérico*, Coimbra, 1993, Set. 27 - Out. 1, pp. 469-474.

LOPES, Carla; BOAVENTURA, Rui (1997) – "O Povoamento Pré-Histórico dos 4º - 3º Milénios na Região [de] Monforte: O Estado da Questão". *In II Congreso de Arqueología Peninsular*, Set. 24-27, 1996. Vol. 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce), pp. 381-387.

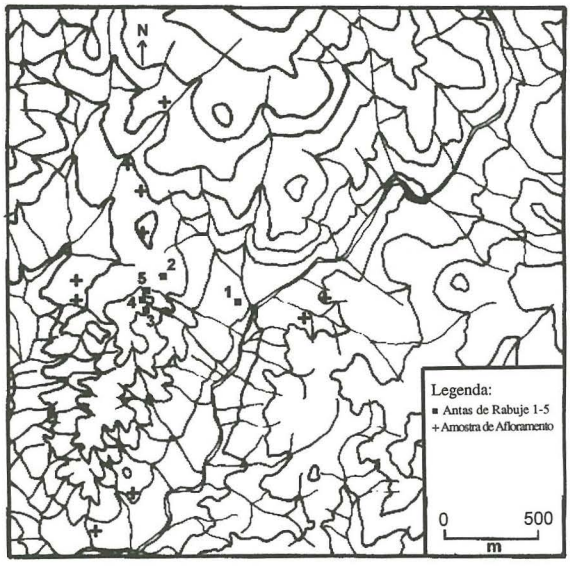
OLIVEIRA, Jorge (1997) – "Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever". Lisboa: *Ibn Maruán*, Edição Especial. Com versão simultânea em Espanhol.

Figura 1



O Conjunto Megalítico de Rabuje (Monforte), na Península Ibérica

Figura 2



A Oro-Hidrografia na área das antas de Rabuje

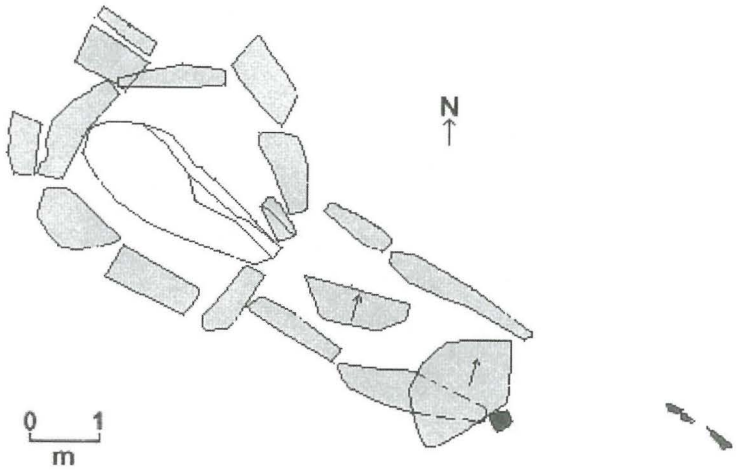


Fig.3 – Rabuje 1

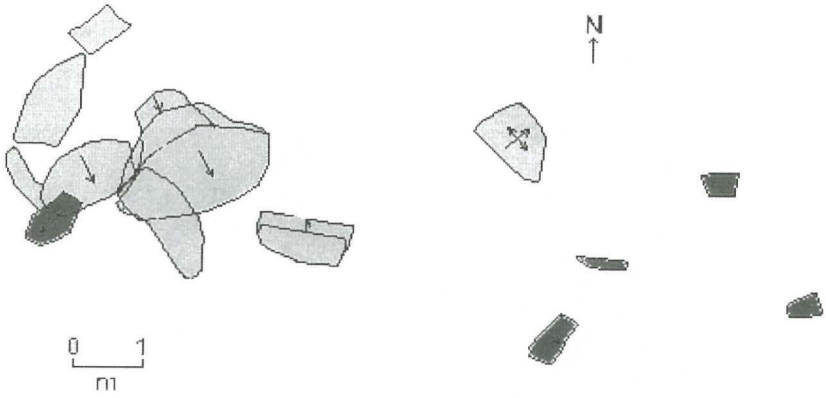


Fig.4 – Rabuje 2

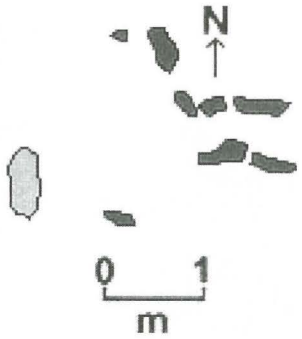


Fig.5 – Rabuje 3

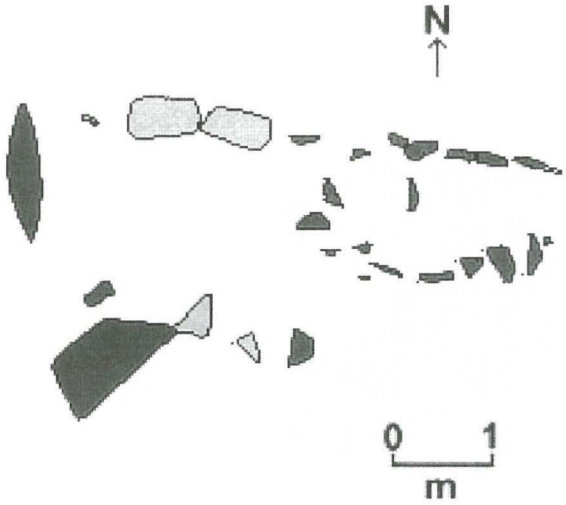


Fig.6 – Rabuje 4

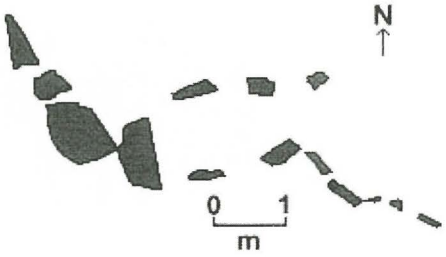
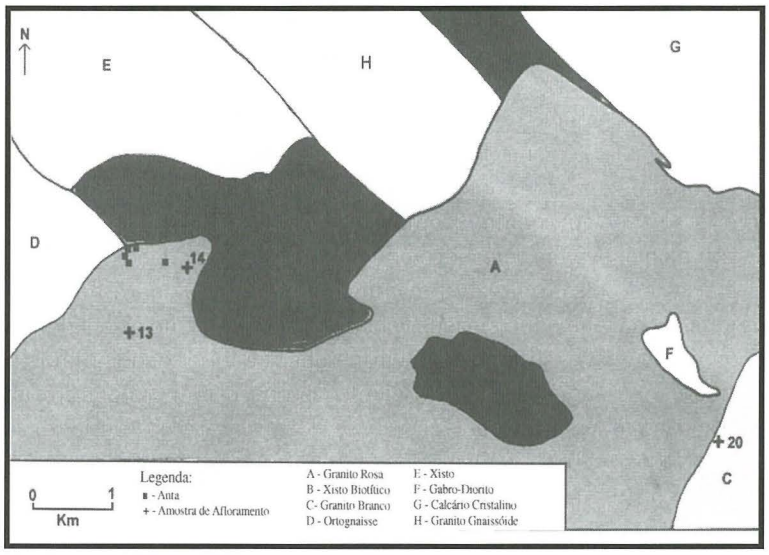


Fig.7 – Rabuje 5



O Substrato Geológico na área das antas de Rabuje

Vista Sul da anta de Rabuje 1

Vista Oeste da anta de Rabuje 2